

Histórias da Guerra de Angola – 1

UMA HISTÓRIA NO MEIO MUITAS HISTÓRIAS

Esta é uma história no meio de muitas histórias que haveriam para contar, passou-se comigo e com um agrupamento de militares numa saída forçada numa serra limítrofe com a cidade de CARMONA, serra essa, que tem o nome da província, UIGE. Esta, inicialmente não era uma "operação" planeada, mas, as circunstâncias da distração de um militar assim nos obrigou. Eu vou contar:



Estávamos há cerca de 15 dias na mata acampados na Serra do Uige num sítio onde proliferavam os nativos dessa zona chamados de "Quivitas" e de onde partíamos para ataques a zonas previamente estabelecidas. Ao fim deste tempo estava planeado sermos rendidos por grupo pertencente a uma unidade de Carmona BC3, militares esses, que continuariam o nosso trabalho na mesma zona, mas agora de noite, em virtude das dificuldades que sentimos em os atacar de dia. Através de via rádio demos a nossa localização e eles como eram daquela zona disseram que tudo bem. Tudo estava a correr às mil maravilhas quando inesperadamente recebemos a informação de que não poderíamos entrar na mata porque um militar se tinha esquecido da culatra da metralhadora no quartel aquando da sua limpeza, e isso, seria perigoso para o agrupamento embrenhar-

se no mato. Entre os comandos ficou resolvido que um agrupamento nosso no qual fui incluído com a minha secção de combate, iria buscar os militares á entrada da serra e que depois um helicóptero iria levar a dita culatra á base que tínhamos construído.

Logo que começámos a andar pelo meio da mata desviando-nos dos trilhos o mais possível, pois, sabíamos que estavam armadilhados, mesmo assim, não deixamos de cair numa emboscada preparada pelos ditos Quivitas. Na frente ia um militar da minha secção com uma metralhadora MG seguido por mim e o resto do agrupamento comandado por um Alferes que ia quase no fim da coluna. O tiroteio foi tão intenso que quase ninguém já ouvia, pois, os ouvidos tinham rebentado. Eu fui o primeiro a levar um tiro, pois, perto de mim estava um embondeiro caído no qual um nativo estava escondido. Como o barulho era tão intenso só senti o calor da bala a entrar no corpo e sair, logo a seguir, foi lançada por eles uma granada ofensiva para o meio do grupo ferindo cinco militares felizmente sem gravidade. A confusão instalou-se até que disse a outro Furriel Miliciano para me substituir e tirar o grupo daquela zona em virtude de eu não poder caminhar. Assim foi feito, sendo também substituído o militar que ia na frente por outro.

Finalmente saíram daquele lugar ajudados por outro grupo que saiu da base depois de ouvirem todo fogo em que estávamos envolvidos. O helicóptero que levou a culatra esquecida foi o mesmo que me evacuou para a Base Aérea do Negage onde recebi os primeiros tratamentos seguindo depois para o Hospital de Luanda no dia 4 de Novembro de 1966. Quanto aos outros militares apenas foram evacuados dois em virtude de outros problemas.



António Camões Flores